

A HISTÓRIA DO HARDCORE EMOCIONAL

TIAGO SIMÃO
Outono de 2025

Uma geração tentando existir.



CRÉDITOS

Título: A história do Hardcore Emocional

Ano: 2026

Texto e pesquisa: Tiago de Carvalho Simão

Ilustração/design: Allan Stein

ISBN: 978-65-02-17561-3

Edição: 01

Apoio: Fabiana Souto

Colaboração: Nenê Alltro

Projeto realizado a partir de financiamento coletivo via Catarse

AGRADECIMENTOS:

Este livro só foi possível graças ao empenho de todos os envolvidos, deixo meu muito obrigado ao Allan pelo cuidado do projeto, a Paula Yurie por toda a “correria”, e a Nenê Alltro pelos esclarecimentos. A todos aqueles que compraram o livro e o tornaram viável. A todas as bandas que sustentaram esse gênero, e que ainda estão tocando seja qual palco for.

Ao meu pai Antônio, que faleceu enquanto eu rabiscava as ideias desse livro, minha mãe Gisele e meu irmão Pedro, que me ajudou a entender sobre Sad Trap.

HARDCORE NA CAPITAL

CAP.
001



HARDCORE NA CAPITAL

Para falar sobre a origem do emo, teremos que contar a história da cena hardcore de Washington, capital dos EUA, afinal foi lá que tudo começou. A cena californiana também foi muito importante para o Hardcore melódico, mas esse livro irá focar inicialmente na cena de DC, e posteriormente falaremos sobre a ensolarada Califórnia.

O primeiro contato que a cidade de Washington teve com o Punk foi em 1976, durante uma turnê dos Ramones, isso mudou completamente a história. Mas precisamos dar contexto a tudo isso e voltaremos um pouco mais na história, no que foi chamado de **proto-punk**.

O proto-punk nunca foi um movimento coeso, ou centrado, de fato, as bandas não se intitulavam *proto-punk*, o termo é posterior, mas remete às bandas dos anos 1960-1970 tocando rock. Era de fato um movimento de contracultura, ou seja, uma cultura cujos valores e normas de comportamento diferem substancialmente daqueles da sociedade dominante, às vezes diametralmente opostos aos costumes culturais dominantes.

Era subversivo e consciente do seu status de não pertencimento, com não só a música a contrariar o que era mainstream, mas também as mensagens políticas que se encontravam em suas letras. Essas bandas tocavam em assuntos tabus na época, a intenção era provocar e apontar o dedo para o status quo americano e desafiar os costumes da família tradicional.

Para entender melhor, abra seu Spotify e coloque para tocar as bandas; Sonics, Velvet Underground, Los Saicos, New York Dolls, MC5 e os Stooges. Elas são seminais para a compreensão do som e da atitude vigente naquele momento.



Foto divulgação.

A origem do termo punk rock se perdeu na história, mas um dos primeiros usos da palavra foi feito pelo crítico musical Dave Marsh em 1970 para descrever a banda *Question Mark & The Mysterians*. Ao final dos anos 1960 e começo de 1970, os EUA estavam em plena produção de bandas de garagem (garage rock), que nem sempre tocavam bem, às vezes nem tocavam, mas o foco não era esse.

Por ser um tipo de som cru, distorcido e sujo, o termo “punk rock” começou a ser utilizado para algumas bandas ligadas ao *garage rock*. Era em sua grande maioria adolescentes do subúrbio americano, que tinham na música sua porta de saída para expressar suas frustrações e raivas.

Estamos falando da época em que acontecia a guerra do Vietnã, o movimento hippie, tensões políticas, problemas econômicos, e uma ebulição jovem.

Toda cena musical é por si um reflexo do seu tempo, às vezes macro, às vezes micro, mas sempre um reflexo. Hoje é quase impossível escrever sobre os gêneros que o Rock possui, razão pela qual não faz sentido a frase sobre o rock estar morto. Ele não morre, ele se adapta muito melhor que outros gêneros, afinal, hoje é comum assistir a um show de Trap com guitarras de rock, show de sertanejo com guitarras distorcidas. O Rock está lá, é você que não vê.

Voltando ao assunto, proto-punk, os dois álbuns mais importantes desse período foram lançados em 1969 e se tornaram referências para tudo que veio depois. São eles: MC5 com o disco **Kick Out the Jams** gravado em 1968 ao vivo em Detroit e The Stooges com o disco autointitulado gravado em 1969 em estúdio, ambos lançados pela Elektra Records.

A semente estava plantada, o Rock de Arena com Led Zeppelin, Queen, Pink Floyd, Rush e cia, não era a linguagem da pessoa comum, tudo era muito cinematográfico, muito focado na virtuosidade, e isso não fazia sentido para muitos que ali estavam. No início dos anos 1980 cidades como Los Angeles, Chicago, Boston, Nova Iorque, São Francisco e Washington Capital, deram palco ao que seria uma pequena revolução musical.

Meu foco, como dito, será na cidade de Washington D.C, capital americana, pois ela se tornou um centro de bandas e movimentos que culminaram nessa árvore musical que chamamos de punk-hardcore. De acordo com o pesquisador Steven Blush:

“Os Sex Pistols ainda eram rock’n’roll... como a versão mais louca de Chuck Berry. Hardcore foi uma mudança radical. Não era rock verso-refrão. Dissipou qualquer noção do que a composição é suposta ser. É a sua própria forma.”¹

O objetivo do hardcore era tocar mais rápido, com letras agressivas, e fazer barulho. Um contraponto à moda da New Wave Music e do Rock de Arena. As

letras do hardcore expressavam a frustração e desilusão política dos jovens que eram contra a riqueza acumulada, o consumismo, a ganância, a política e a autoridade de Reagan (presidente americano) na década de 1980.

De acordo com o documentário **American Hardcore** (Blush, Steven – 2006), o sentimento naquele momento, e principalmente na capital americana era de puro descontentamento e raiva frente à situação política e econômica do país e a total falta de perspectiva para quem ali era jovem.

“Naquela época, o punk rock era basicamente Sex Pistols, e a figura do Sid Vicious, que era um viciado, viciado nílita, mas nós não éramos assim, portanto começamos a nos chamar de hardcore punk”.

IAN MACKAYE - Fugazi

“Eu nunca seria como o Gene Simmons (KISS), ou tocaria guitarra como o Van Halen, e aí surgiu esse tipo de som simples e agressivo”.

GREG HETSON – Circle Jerks.

“Ronald Reagan foi o catalisador da cena hardcore.”

WINSTON SMITH (artista responsável por muitas capas icônicas do Dead Kennedys)

O primeiro contato que Washington teve com o punk rock como dito anteriormente foi em 1976 com a turnê dos Ramones, ali a cena nunca mais seria a mesma. No início dos anos 1980 a cidade já contava com shows e principalmente bandas como Minor Threat, Bad Brains e SOA (State of Alert) cujo vocalista era Henry Rollins, futuro vocal da banda punk icônica Black Flag (nascida na Califórnia).

Porém até aquele momento tudo era muito cru e sujo, no sentido musical, e também violento. Importante ressaltar que o pensamento não era comercial, ou seja, tocar em rádio, assinar com gravadora, fama, tudo isso era visto como ridículo. As bandas se apresentavam em porões, casas abandonadas, estacionamentos, postos de gasolina abandonados, no quintal de alguém, o que importava era tocar.

Aliás, o termo “mosh” ou “roda punk” surgiu na cena de Washington, no início dos anos 1980. O episódio mais famoso envolvendo “mosh” foi na apresentação da banda FEAR em 1981 no Saturday Night Live, membros de algumas bandas punks hardcore, invadiram o palco, quebraram equipamentos de estúdio e usaram palavrões na transmissão que era ao vivo.

A história do Mosh é atribuída ao **Bad Brains** (banda ícone da cena). O vocalista H.R. gritava algo como “*mash it up!*” (misture/quebre tudo), que o público passou a ouvir como “mosh”. O termo pegou e substituiu “slam dancing” em muitas cenas. O “slam dancing” era uma forma agressiva de dança em shows de punk, empurrões, choques corporais e círculos abertos na frente do palco. Com o tempo, ele foi substituído pelo mosh.



Nenhuma conversa séria sobre punk começa sem os Ramones. Formados em 1974 em Forest Hills, bairro de classe média do Queens, Nova York, eles são amplamente considerados a primeira banda punk de verdade, com a ressalva de que os Sex Pistols só surgiram em 1975.

Mas a importância dos Ramones ultrapassa qualquer discussão de data ou de quem veio primeiro. Eles estão no Hall da Fama do Rock n' Roll não por acidente, mas porque mudaram a trajetória da música popular de forma irreversível.

Johnny Ramone (John Cummings) e Tommy Ramone (Thomas Erdelyi) já se conheciam do colégio, entre 1965 e 1967 tocaram juntos em uma banda de garagem chamada Tangerine Puppets, que não foi muito além do quintal. Anos depois, os caminhos de dois outros rapazes cruzaram o deles de forma definitiva.

Dee Dee Ramone (Douglas Colvin) tinha chegado ao bairro vindo da Alemanha, carregando uma raiva difícil de nomear e uma vontade ainda maior de fazer barulho. Jeff Hyman, que o mundo conheceria como Joey Ramone, também tinha se

mudado para Forest Hills. Em 1974, Dee Dee e Johnny o convidaram para formar uma banda. Era simples assim. Ou talvez inevitável.

O nome veio de Dee Dee, claro. Ele soube que Paul McCartney dos Beatles costumava se registrar em hotéis como “Paul Ramon” para passar despercebido. A ideia grudou: e se todos usassem “Ramone” como sobrenome? Sem parentesco, sem história compartilhada, apenas um nome coletivo que dizia: somos uma coisa só. E assim a banda estava batizada, **The Ramones**.

Em 30 de março de 1974, no Performance Studios em NY, os Ramones fizeram seu primeiro show. As músicas mal chegavam a dois minutos, e a plateia, em grande parte, ficou paralisada sem saber ao certo o que estava vendo. Ninguém tinha um nome para aquilo ainda. O local que viria a ser o centro gravitacional daquela nova cena era o CBGB's, no downtown de Manhattan, onde os Ramones tocaram pela primeira vez em 16 de agosto de 1974. E a partir daí, não pararam mais.

“Eles estavam todos vestindo essas jaquetas de couro pretas. E eles contaram essa música... e era apenas essa parede de ruído... Eles pareciam tão impressionantes. Esses caras não eram hippies. Isso era algo completamente novo.”

LEGS MCNEIL - Revista punk

Lenda ou fato verificável, e provavelmente um pouco dos dois, os Ramones teriam tocado no CBGB's 74 vezes até o final daquele primeiro ano. O impacto era imediato e físico: as pessoas saíam do show diferentes. Vale o dado: o set completo durava dezessete minutos.

Sim, o show inteiro. Entrada, palco, fim. Dezessete minutos que mudaram algo em quem estava lá.

O álbum de estreia chegou em abril de 1976 com quatorze faixas. A mais longa? “*I Don't Wanna Go Down to the Basement*” com menos de dois minutos e trinta. O encarte creditava as composições a todos os membros, mas quem realmente escrevia era Dee Dee, prolífico, instável, genial à sua própria maneira caótica.



Álbum autotitulado - 1976

Comercialmente, o disco não decolou nos EUA. A crítica elogiou, o público ficou confuso e as rádios passaram longe. O sucesso viria de um lugar inesperado: a Inglaterra. Em 1976, os Ramones fizeram uma pequena turnê por lá, e o impacto foi sísmico. Foi nessa viagem que conheceram pessoalmente os integrantes do The Clash e dos Sex Pistols. As conversas daqueles dias alimentaram uma explosão que varreria o rock britânico em poucos meses.

Em 1977, a banda lançou dois álbuns no mesmo ano: *Leave Home* e *Rocket to Russia*. O produtor dos dois foi Tony Bongiovi, sim, primo do Jon Bon Jovi, detalhe que o próprio universo punk provavelmente jamais perdoou. A crítica continuou a aplaudi-los. O grande público continuou a não aparecer. Os Ramones seguiram tocando assim mesmo.

Em 1978, Tommy simplesmente esgotou. As turnês, a pressão, a intensidade constante, ele saiu, e em seu lugar entrou Marc Bell, que se tornaria Marky Ramone. No ano seguinte, 1979, a banda foi convidada a participar do filme *Rock 'n' Roll High School*, dirigido por Allan Arkush. A participação no filme chamou a atenção de Phil Spector, produtor lendário e profundamente excêntrico, conhecido por revolucionar técnicas de gravação com seu "Wall of Sound".

O filme é uma comédia musical ambientada na fictícia **Vince Lombardi High School**. Riff Randell é a maior fã dos Ramones da escola, e também o maior pesadelo do diretor, com um dossiê disciplinar que ocupa gavetas inteiras. Ela espera três dias na fila por ingressos na esperança de entregar pessoalmente a Joey Ramone

uma música que ela mesma escreveu para a banda. Quando o tirânico diretor lhe confisca o ingresso, Riff e a melhor amiga Kate Rambeau precisam improvisar. O filme é exatamente o que parece: pastelão punk, glorioso e sem pretensão, e os Ramones estão lá tocando de verdade, sem filtro, como se o palco de Hollywood fosse mais um porão do Queens.



Poster Rock N'Roll High School 1979

Phil Spector produziu *End of the Century*, lançado em 1980, e a gravação virou lenda. Conta-se que Spector teria apontado uma arma para a cabeça de Joey Ramone e exigido que ele repetisse o mesmo riff sem parar durante as sessões. Verdade ou mito, o resultado foi o álbum mais comercial da banda: chegou à posição 44 na Billboard americana, um feito inédito para um grupo que por anos havia tocado para plateias que não sabiam bem o que estava acontecendo. Era sucesso tardio, mas era sucesso.

Mas muito mais do que álbuns e canções, os Ramones inventaram uma estética que ninguém pediu e todo mundo copiou. Jaqueta de couro surrada, calça jeans rasgada, camiseta detonada, tênis velho, aquele visual não era desleixo: era uma declaração. A postura de tocar guitarra quase no chão, a contagem ritualística do [1,2,3,4] antes de cada música, o frenesi controlado do palco, tudo isso se tornou linguagem. Uma linguagem que bandas de todos os gêneros adotaram nos quarenta anos seguintes, de Los Angeles a São Paulo, de garagens a arenas. Os Ramones

apareceram nos Simpsons. Viraram personagens de livros e séries. Extrapolaram a música e se tornaram símbolo cultural. Como afirmou o historiador musical Jon Savage, o primeiro álbum continua sendo um dos poucos discos que mudou o pop para sempre. Difícil discordar.

Em 20 de julho de 1999, Dee Dee, Johnny, Joey, Tommy, Marky e CJ apareceram juntos na Virgin Megastore em Nova York para uma sessão de autógrafos. Foi a última vez que os quatro membros originais estiveram no mesmo lugar. O final chegou por etapas, como uma frase que se encerra devagar. Joey, que havia sido diagnosticado com linfoma em 1995, morreu em 15 de abril de 2001, em Nova York.

Johnny, diagnosticado com câncer de próstata em 1999, morreu em 15 de setembro de 2004. Dee Dee foi encontrado morto por overdose de heroína em 2002, não em 2005, como alguns registros equivocados repetem. Arturo Vega, diretor criativo da banda desde 1974 e criador do famoso logo da caveira com raios, foi por décadas considerado o quinto Ramone. Morreu de câncer em 8 de junho de 2013, aos 65 anos. Os Ramones foram embora um de cada vez. Mas o que deixaram para trás não tem data de validade.

Seria impossível falar sobre a origem do punk sem citar os Sex Pistols, mas é igualmente importante entender o que eles representam *nessa história*: não o fim, mas um catalisador.

A banda foi criada por Malcolm McLaren, empresário inglês que administrava a boutique SEX em Chelsea ao lado de Vivienne Westwood. McLaren era, antes de qualquer coisa, um homem de negócios, e os Sex Pistols nasceram dessa lógica. Paul Cook e Steve Jones eram clientes da loja. Glen Matlock era vendedor. A banda foi montada, não foi descoberta.

O vocalista Johnny Rotten (John Lydon) entrou por indicação de Bernie Rhodes, que depois se tornaria empresário do The Clash, e chamou atenção por usar uma camiseta do Pink Floyd com a palavra “ódio” escrita por cima. Era exatamente o tipo de provocação que McLaren queria. Ele declarou abertamente que pretendia criar a impressão de “*jovens assassinos sensuais*”.

A Inglaterra de meados dos anos 1970 era um terreno fértil para isso. Como o próprio Lydon descreveu: “*havia lixo nas ruas, desemprego total, quase todo mundo estava em greve... se você veio do lado errado dos trilhos, não tinha nenhuma esperança.*” O punk foi a resposta natural, e os Pistols foram sua face mais visível.

O single “*Anarchy in the UK*”, lançado em novembro de 1976, estabeleceu o tom agressivo, niilista e politicamente carregado. Em dezembro do mesmo ano, uma entrevista na televisão recheada de palavrões transformou a banda no inimigo público número um da Grã-Bretanha, e no grupo mais famoso do país. “*God Save*

the Queen”, lançado em 1977 para coincidir com o Jubileu de Prata da rainha, foi banido pela BBC e por todas as rádios independentes do país.

Sid Vicious substituiu Glen Matlock no início de 1977, e a partir daí a trajetória da banda tomou um rumo autodestrutivo que poucos conseguiriam sustentar. Vicious não sabia tocar baixo, quem gravou as faixas do álbum *Never Mind the Bollocks* foi o próprio guitarrista Steve Jones. O disco, lançado em outubro de 1977, foi descrito pela Rolling Stone como “*o disco de rock & roll mais emocionante dos anos setenta*”.

Nessa época tivemos também o “Romeu e Julieta” do Punk, Sid Vicious foi apresentado a Nancy Spungen, uma jovem americana que circulava pela cena punk londrina, sete meses após ingressar na banda. A relação entre os dois foi imediata e intensa, e conduziu ambos à morte. Por todos os relatos, estavam profundamente apaixonados, mas o vício compartilhado em heroína gerava episódios repetidos de violência. A dependência de Sid pode ter precipitado a dissolução dos Sex Pistols no meio de sua primeira turnê americana, em janeiro de 1978.

Na madrugada de **12 de outubro de 1978**, o casal tocou o fundo do poço. Nancy foi encontrada morta no chão do banheiro do quarto que dividia com Vicious no Chelsea Hotel, em Nova York. Ela havia sido esfaqueada com uma faca que ela mesma deu de presente a Sid. Vicious foi encontrado no corredor, em um estado de torpor induzido por drogas, alternando entre afirmar que não se lembrava de nada e confessar que a havia matado. Foi indiciado por assassinato em segundo grau.

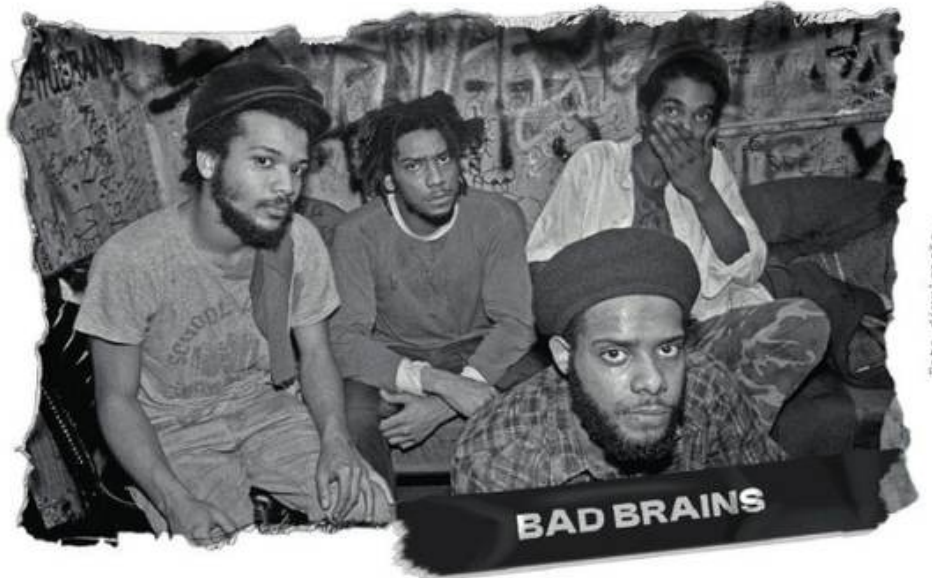
Quando Sid Vicious saiu da prisão de Rikers Island, em 1º de fevereiro de 1979, onde cumpriu 54 dias detido por violar as condições de sua fiança e passou por uma desintoxicação forçada, a perdição era a primeira coisa em sua mente. Permanecer limpo jamais faria parte do roteiro de Vicious.

Na noite seguinte, durante uma festa em celebração à sua liberdade, sua mãe o ajudou a obter heroína. Sid Vicious morreu dormindo, de overdose, em 2 de fevereiro de 1979. Tinha 21 anos.

A banda já havia acabado, em janeiro de 1978, após uma turnê caótica pelos Estados Unidos. Na última data, no Winterland Ballroom em San Francisco, Lydon encerrou o show com uma frase que resumia tudo: “*Você já teve a sensação de que foi enganado?*”

Os Sex Pistols existiram por menos de três anos, lançaram um único álbum e foi, em grande medida, um produto cuidadosamente construído. Mas sua brutalidade sonora e sua capacidade de escandalizar abriram uma fenda na cultura pop britânica, e foi por essa fenda que o hardcore de Washington D.C. acabaria passando.

DE VOLTA À CENA EM WASHINGTON, D.C.



Considerada a primeira banda de punk rock de Washington, ela nasceu em 1977, porém inicialmente era uma banda de Jazz Fusion chamada Mind Power. É dito que um amigo em comum da banda, chamado de Sid McCray, no mesmo ano (1977) apresentou a banda ao punk rock.

Naquele momento a banda mudou seu nome de Mind Power para Bad Brains, e seu som seria agora punk rock. O nome Bad Brains foi inspirado na música de mesmo nome dos Ramones, pouco tempo depois seu som foi novamente afetado quando a banda escutou pela primeira vez Bob Marley em um show. A própria crença Rastafari passou a fazer parte dos integrantes.

Mas em 1979 o Bad Brains foi colocado em uma lista de bandas e pessoas não bem-vindas nos clubes da cidade, ou seja, eles não poderiam mais frequentar ou tocar nestes locais. O motivo era a violência do público e a destruição dos clubes (sabemos que não era isso). Esse banimento forçou a banda a se mudar para Nova York. Isso resultou na música "Banned in DC".

LETRA DA MÚSICA

*Banned in D.C. With a thousand more places to go.
Gonna swim across the Atlantic, cause that's the only place I can go.*

You, you can't hurt me, me I'm banned in D.C. D.C.

*We, we got ourselves, gonna sing it, gonna love it, gonna work it out to any length.
Don't worry, no worry, about what people say.
We got ourselves, we gonna make it anyway.*

You, you can't hurt me, because I'm banned in D.C. D.C. D.C.

*And if you ban us from your clubs, it's the right time, with the right mind.
And if you think we really care, then you won't find in my mind.
Nooo! You can't afford, to close your doors, so soon no more.*

*My oh my i let you down upon the ground so soon no more.
Nooo! You can't afford to close your doors so soon no more.*

My oh my i let you down upon the ground.

Composição: *Bad Brains / Darryl Jenifer / Earl Hudson / G. W. Miller / Paul Hudson*

Em 1982 já estavam estabelecidos em Nova York e tocando regularmente no CBGB, e seu primeiro álbum foi lançado em 1982, porém apenas em versão de fita cassete (K7). Já em 1983 é lançado o segundo álbum **Rock for Light** com várias músicas regravadas do primeiro, esse sim já em vinil. Já em 1985 a música "Pay to Cum" estava na trilha sonora do filme *After Hours* (Depois de Horas), dirigido pelo premiado Martin Scorsese.

A partir de 1986 o estilo musical da banda começou a expandir ainda mais. Com elementos de punk rock, reggae, heavy metal e funk, o Bad Brains cada vez mais se tornava muito relevante na cena de NY. Mas o custo disso foi uma grande dança das cadeiras dentro da banda, já que HR (vocal) e Earl Hudson (bateria) saíram da banda para focar em projetos de reggae.

O afastamento foi de 1987 a 1994 quando retornaram para a gravação do álbum "God of Love" lançado em 1995. Naquele período o Bad Brains estava abrindo os shows dos Beastie Boys em turnê americana, além de tocar em uma turnê com os ainda desconhecidos Deftones.

Infelizmente a turnê não durou muito, o comportamento agressivo de HR frequentemente causava problemas com fãs, integrantes da banda, empresário e funcionários dos locais de show, tudo culminou na prisão de HR colocando novamente fim à banda. Uma nova reunião aconteceu em 1997 para gravar e mixar um EP com 5 músicas. Em 2005 a banda anunciou um álbum com músicas inéditas produzidas por MCA (Adam Nathaniel Yauch, fundador dos Beastie Boys).

O Bad Brains não é só uma banda fundamental do hardcore, é um ponto de ruptura. Antes deles, o hardcore norte-americano já existia, mas era majoritariamente branco, restrito a certas cenas locais e preso a uma estética sonora bem delimitada.

Não faziam discurso direto sobre raça, mas sua simples existência já era política. Eles mostraram que o hardcore não tinha cor, nem classe fixa, nem dono. Isso abriu caminho simbólico e real para outras vozes marginalizadas ocuparem o espaço da música extrema.

Bandas como Minor Threat, Black Flag, Beastie Boys, Dead Kennedys, Living Colour, Fugazi e até grupos fora do punk, como o Sepultura, já reconheceram o Bad Brains como influência direta.

"Aprendi a tocar bateria arrumando almofadas no chão e na cama na forma de uma bateria e tocando junto com os Bad Brains"

DAVE GROHL - Foo Fighters/Nirvana - Entrevista the Guardian para o The guardian, janeiro de 2021.

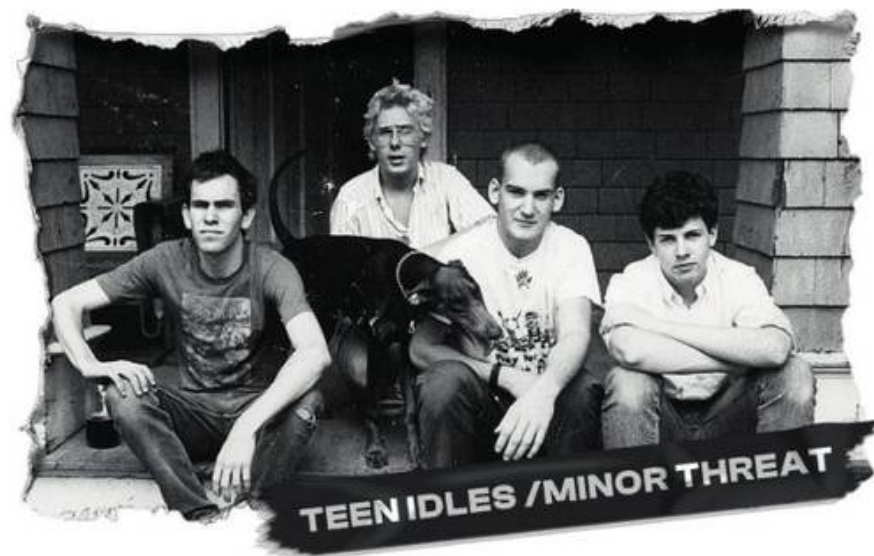


Foto divulgação.

Minor Threat é sem dúvidas a banda mais influente dentro do Hardcore, graças a seu vocalista Ian MacKaye e o impacto causado na cena. Muito do que se fala sobre comportamento e estética dentro do movimento HC é devido ao senhor MacKaye.

Ian Thomas Garner MacKaye nasceu em abril de 1962, seu pai era jornalista, trabalhava para o bem conhecido Washington Post, sendo repórter da Casa Branca. Ou seja, o pai de MacKaye estava na carreira de John Kennedy quando ele foi assassinado em 1963.

Sua primeira inspiração musical foi Jimi Hendrix, tentou tocar guitarra, mas logo desistiu. Inicialmente era fã de hard rock, mas em 1979 ao assistir ao show do The Cramps descobriu na cena punk rock uma motivação. Tornou-se muito fã de Bad Brains e Black Flag, aliás, Ian era amigo de Henry Rollins (vocalista do Black Flag 1981 - 1986). Estudante da Woodrow Wilson High School, conheceu Jeff Nelson e se tornaram grandes amigos e admiradores do movimento punk rock.

A primeira banda de MacKaye surge em 1979 intitulada *The Slinkees*, a banda chegou a gravar duas demos com músicas covers e algumas letras próprias. Já em setembro de 1979 a banda evoluiu para outra banda chamada *The Teen Idles* formada pelos adolescentes Nathan Strejcek, Geordie Grindle, Ian MacKaye e Jeff Nelson.

Eles gravaram duas demos e um EP chamado *Minor Disturbance*, mas antes da gravação, uma turnê de quase um ano foi realizada, ao final conseguiram poupar 600 dólares, utilizando esse dinheiro para criar uma gravadora que seria fundamental na construção da cena HC em Washington, a Dischord Records.

A Dischord Records seria a gravadora de bandas como Dag Nasty, Embrace e Rites of Spring, sendo as bandas seminais do movimento emo no começo dos anos 1980.

Para a gravação do EP *Minor Disturbance*, a fita de gravação foi enviada para Nashville, Tennessee, para uma empresa especializada em música country. Longe do ideal, mas foi o melhor negócio que conseguiram na época para produzir os discos.

Foram ao todo 1.000 unidades, que os membros da banda montaram um a um, de forma manual, isso porque a capa do álbum não estava no pacote, sendo assim, eles desmontaram um EP para entender como era cortado e colado, após descobrir, foram a uma gráfica, encomendaram os papéis, e um a um montaram mil discos de 7 polegadas.



Álbum minor disturbance - 1980

O Teen Idles não era uma banda talentosa, eles estavam aprendendo a tocar os instrumentos, e o ideal DIY (faça você mesmo), fez da banda uma mistura de barulho com letras provocativas sobre contracultura e drogas. Uma gravação feita no porão do engenheiro de som e produtor Don Zientara, na qual 7 músicas foram gravadas, porém a banda nunca lançou esse material.

O fim se deu, dizem, devido à briga entre Grindle e Nelson, a namorada de Grindle era cristã e desaprovava a banda, já Nelson era um ateu convicto. O resultado foi a saída de Grindle da banda, e com isso surgiu o Minor Threat.

A ORIGEM DO X

Um dos símbolos mais famosos do movimento straight edge, o X marcado na mão tem sua origem nesse período. Diz a história que no dia 6 de novembro de 1980 o Teen Idles foi tocar no Mabuhay Gardens, na Califórnia, por serem menores de idade, o consumo de álcool era proibido, sendo assim um X era feito na mão, para controle da venda de bebida. Quando voltaram a Washington, foram tocar no 9:30 CLUB, e sugeriram essa ideia para o controle da venda de bebida, assim menores poderiam entrar no show também.

MINOR THREAT

Com o fim do Teen Idles, MacKaye e Nelson recrutaram o guitarrista Lyle Preslar e o baixista Brian Baker para formar o Minor Threat. E sua estreia como banda foi ainda em 1980 em dezembro, em um porão para 50 pessoas, abrindo o show dos Bad Brains e SOA, ambas com origem em DC.

Logo a banda se tornou relevante na cena e começou a excursionar pelos EUA. Em seu primeiro EP a faixa "Straight Edge" pavimentou as ideias do movimento com o mesmo nome dentro da cena Hardcore, não só na capital, mas em todo o país.

A música transmite a ideia de MacKaye sobre sua abstenção em relação a drogas e álcool, frente à cultura de excessos que era comum na época. Com o tempo o movimento se expandiu sendo contra o uso de drogas, álcool, sexo promíscuo, ativismo com a causa vegana e com os direitos dos animais.

Em 1999 o professor doutor em sociologia William Tsitsos escreveu um artigo descrevendo que o movimento teve três fases, gerando ações contra, como o Bent edge ou curved edge, criado por bandas de Washington, sendo o total oposto do straight edge, ou seja, eles eram a favor do uso de drogas e álcool, e deixavam isso bem claro em seus shows. Porém sua força não durou muito, terminando em meados dos anos 1990.

"O anti-movimento começou antes de o movimento começar. As pessoas estavam se rebelando contra o straight edge antes mesmo de haver um movimento contra o qual se rebelar".

IAN MACKAYE.

Da mesma forma, o movimento **Youth crew** ganhou força principalmente em Nova York, criando discursos mais agressivos em relação ao pro-straight edge, com bandas se convertendo ao movimento Hare Krishna.

LETRA:

*I'm a person just like you
But I've got better things to do
Than sit around and fuck my head
Hang out with the living dead
Snort white shit up my nose
Pass out at the shows
I don't even think about speed*

That's something I just don't need

I've gone straight edge

I'm a person just like you

But I've got better things to do

Than sit around and smoke dope

Because I know that I can cope

Laugh at the thought of eating ludes

Laugh at the thought of sniffing glue

Always gonna keep in touch

Never want to use a crutch

I've gone straight edge

Composição: Ian Mackaye / Lyle Preslar / Jeff Nelson / Minor Threat / Brian Baker.

Outra polêmica foi o lançamento da música “Guilty of Being White”, onde críticos consideraram a letra racista. Na época MacKaye se defendeu dizendo que a música era oposta ao racismo, alegando que retratava seu período no colegial, onde 70% da escola eram de alunos negros, e ele sofria bullying. Anos depois MacKaye pensou melhor a respeito e declarou:

“Para mim, na época e agora, parecia claro que é uma música antirracista. Claro, não me ocorreu na época em que escrevi que alguém fora dos meus vinte ou trinta amigos para quem eu estava cantando teria que realmente ponderar sobre a letra ou mesmo considerá-la”.

A banda acabou em 1983, havia um clima de descontentamento já que MacKaye era o letrista e colocava muita coisa particular nela, não sendo exatamente a opinião da banda. MacKaye fundou, logo após, a banda Embrace, seminal do movimento emo, porém iremos abordar isso mais à frente. O Minor Threat sem dúvidas pavimentou a estrada do hardcore em DC, e foi a semente do movimento straight edge.

CLIQUE AQUI

PARA ADQUIRIR

O LIVRO FÍSICO

